

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura (sem brinde)

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$100 »
India, China e America.	1\$280 »

Editor e administrador**JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**

Redactor

A. PEIXOTO DO AMARAL

Typ. de J. F. Fonseca—Picaia, 74

Condições da assignatura (com brinde)

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	940 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios	1\$500 »
Numero avulso	400

SUMMARIO

Devoção a Maria, Mãe de Deus e Mãe dos homens—SECÇÃO DOCTRINAL: *Seminario episcopal*, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—SECÇÃO CRITICA: *Socialismo, christianismo e catholicismo*, pelo snr. A. S. F.—SECÇÃO HISTORICA: *Convento e freguezia de Mancellos*—*Memorias historicas*, pelo rev. Padre José Victorino Pinto de Carvalho—SECÇÃO LITTERARIA: *O problema de Lourdes (versão do francez)*; *O convento* (dois sonetos), pelo snr. Oscar Luso; *Crentes e descrentes* (romance de propaganda religiosa—continuação), pelo snr. A. Peixoto do Amaral; *O Carpinteiro e o fidalgo*; *Fraqueza humana* (soneto) pelo snr. A. Moreira Bello.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *A Sagrada Familia*; *Santa Luiza, Virgem Martyr*.—SECÇÃO NOTICIOSA.—EXPEDIENTE.

Gravuras: *A Sagrada Familia*; *Santa Luiza, Virgem Martyr*.



Santa Luiza, Virgem Martyr



DEVOÇÃO A MARIA

Mãe de Deus e Mãe dos homens

Pensae em Maria.—Uma cousa particularmente peço aos meus devotos, e é: que temam o peccado; porque d'este modo não peccarão (De huit, B. M. V.)

Invocae a Maria.—Sustentae com vosso poderoso braço os que vos são dedicados; defendei a causa d'estes pobres réos ante o tribunal de Christo (S. Boav.)—Ave, Rosa, que adoças a nossa mente (Barth. de Pisis). Ave, Rosa, sempre viridente, a unica que produziu um pomo de suavissimo aroma. (S. Joseph. Hymn).

Alegrae a Maria.—Tomando a resolução de antes morrer, que offender embora levemente o dulcissimo Jesus.

L. I.

SECÇÃO DOCTRINAL

Seminario episcopal

É sempre para nós uma festa de subido interesse, e de capital importancia, a abertura solemne das aulas do Seminario episcopal do Porto, solemidade que reveste sempre o maximo lusimento, e a que pela segunda vez preside o nosso venerando prelado, sempre sollicito, como o seu benemerito antecessor pelos progressos da classe ecclesiastica.

Realisou-se por essa occasião a solemne distribuição de premios aos alumnos que no anno findo mais se distinguiram em merito litterario, moral, civil e religioso, e depois da cerimonia religiosa que se faz no templo do Seminario, leu o Snr. D. Antonio Barroso (como da praxe), a oração de *sapientia* que foi um verdadeiro mimo litterario, que todos os auditores apreciaram devidamente.

O Ex.^{mo} Prelado d'esta diocese, depois de expôr a necessidade imprescindivelmente imperiosa de insinuar em todos os corações e em todas as classes o espirito christão, diz:

“Se ha instituição que tenha trabalhado com empenho em minorar os males que opprimem os soffredores, é indiscutivelmente a Igreja Christã Catholica. E' ella quem, desde todo o sempre, tem posto ao serviço dos desvalidos e dos desprotegidos da sorte a grande força que tem impedido, em tantos momentos da historia, a dissolução das sociedades e o cataclysmo da civilisação. Nem isso admira; toda essa longa e gloriosa lista de serviços prestados á causa da civilisação, que vale o mesmo que diser, á causa do bem, ao amparo dos que soffrem; toda essa maravilhosa actividade dispendida em enxugar lagrimas, guarecer feridas, amparar quédas, desopprimir afflictos, pulverisar os élos das cadeias da escravidão, tudo isso está contido na sua lei organica, no seu codigo fundamental, o Evangelho, e exemplificado na vida adoravel do adorabilissimo dador d'essa magna carta; e n'um e n'outro inspirada a Igreja, tem feito a sua carreira intemerata e firme, colhendo através de tantos seculos optimos fructos da sua acção benefica e santa.

Do alto da cadeira sublime, d'onde parte o ensino supremo, tanta vez se tem erguido a voz authorisada, que ensina infallivelmente os homens, e em documentos cheios de unção enternecedora, reproduzindo a doutrina divina do Sermão do Monte, as bemaventuranças, se tem proclamado verdades sociaes, que politicos sagazes, estadistas reputados, não teriam suspeitado, nem conhecido, se assim lhes não fossem ensinadas.

D'alli tem partido a voz que, restabelecendo a ordem perturbada pelo exaggêro das paixões humanas, tem reivindicado para o homem as suas mais caras pre-

rogativas, os seus mais santos direitos e entre estes, como distinctivo culminante da sua dignidade, correspondente ao da responsabilidade, o direito tão apreciado e por vezes tão esquecido, pelos que d'elle deviam usar, o da *liberdade*.

Ora, senhores, para que esta acção civilisadora da Igreja se faça sentir em toda a parte, para que ella se infiltre em todos os povos, em todas as latitudes e até em todas as classes sociaes, é necessario que haja ministros dignos, obreiros déstros, para que essa edificação portentosa se mantenha e progrida; é indispensavel preparar soldados bem disciplinados, capazes de continuar essa crusada, essa conquista fascinadora, a conquista do bem nas suas variadissimas manifestações, que todas se reduzem ao bem supremo, alvo das nossas aspirações, e cuja posse realisara o fim para que o Creador nos destinou.

Esses obreiros, esses soldados, esses ministros são os sacerdotes; são esses a quem Jesus Christo chamou *sal da terra* (Math., II, 13) e de quem S. Paulo, escrevendo a seu discipulo Thimoteo (I. Thim, IV, 12), disse *que devem ser o exemplo dos fieis nas palavras, nas relações com o proximo pela caridade, pela fé e pela pureza.*”

Evidenciando o que os Seminarios ensinam aos jovens aspirantes ao sacerdocio, acrescenta:

“A theologia fundamental, vulgarmente chamada dogmatica geral, estabelece em primeiro lugar theoria racional da revelação, isto é, com largos dados da philosophia estuda e pondera as forças da razão humana a fim de determinar até onde ella pôde chegar na indagação, descobrimento e conhecimento das verdades religiosas, ou antes investiga até onde elle não pôde chegar, e como consequencia proclama a sua insufficiencia para descobrir essas verdades necessarias para satisfazer as necessidades absolutas e relativas do homem em ordem á con-

secação do seu fim sobrenatural.

D'essa insufficiencia e d'essas necessidades deriva logica e naturalmente a necessidade da mesma revelação sobrenatural para que os homens conheçam de um modo positivo e facil a norma *credendi* e a norma *agendi*, como se diz na eschola, isto é, o symbolo e o codigo de moral, as verdades da fé e regra dos costumes. Mas que importaria a necessidade da revelação sobrenatural, se ella não fosse possível? Demonstra-se essa possibilidade, possibilidade physica e possibilidade moral, da parte de Deus a quem não faltam meios, e da parte do homem a quem não falta capacidade.

Não basta, porém, demonstrar a necessidade e possibilidade da revelação sobrenatural immediata, pois que a *posse ad esse non valet consecutio*, é necessário demonstrar a sua realidade. Para isso estabelecem-se criterios intrinsecos, como a omnimoda verdade e santidade da doutrina e os criterios extrinsecos em apodicticos, os milagres e as prophcias.

Aqui vasto campo se offerece á actividade intellectual, vingando a possibilidade physica, logica e moral d'esses criterios, sobretudo a realidade dos milagres, tanto aquelles que nos offerece a Escripura e em especial os referidos pelos Evangelhos na vida, paixão, morte e resurreição de Nosso Senhor Jesus Christo, e especialissimamente este milagre sobre que o Apostolo das gentes fazia assentar toda a veracidade da prégacao evangelica — *se Jesus não resuscitou é vã a nossa fé, somos uns impostores*; como outros durante todo o correr da vida da Igreja até nossos dias.

Bem desejamos dar na integra este mimoso florão da corôa litteraria do nosso bondoso antistite, mas veda-nol-o a exiguidade das nossas columnas, sobrecarregadas de mais á mais com materia que julgamos imprescindivel, e cuja publicação não pôde por forma alguma ser addiada.

Corno, porém, o proprietario do nosso jornal é o editor das *Cartas encyclicas do Santo Padre Leão XIII*, é muito de crer, é quasi mesmo certo, que, no quinto volume d'esta obra, publicando mais alguma encyclica do supremo chefe da egreja visivel de Jesus Christo, insira na integra este notavel discurso, e então verão os leitores por completo esta notabilissima joia litteraria.

E não allongamos mais este artigo, pelas supra mencionadas, razões que da mesma forma, bem apesar nosso, nos inibem de publicarmos a *Carta pastoral* do mesmo virtuoso prelado ácerca do *Dinheiro de S. Pedro*, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Em breve os indemnizaremos d'estas involuntarias ommissões.

A. PEIXOTO DO AMARAL.

SECÇÃO CRITICA

Socialismo, christianismo e catholicismo

O matrimonio é um sacramento, — um dos sete, ... não se pode negar. Mas vem agora o perguntar-se, o que seja um sacramento? Não se quer saber d'isto. E o que será o matrimonio? Ainda menos, até o ignoram muitissimas d'aquellas pessoas que se vão casar! ... Que tristeza ver os sacramentos da Egreja tão ignorados! Apre! que indifferença em materia religiosa...

E as convicções arreigadas, onde se acham ellas? Ignorancia e contradicção é o que mais encontramos, a ponto de se dizer que Portugal é coherente só em incoherencias.

Falando-se do pseudonimo indefesso, «Nemo» dizem os jornaes: o codigo penal tanto civil como militar prohibe o duello; e um homem, porque respeitou as leis da Egreja e do Estado, é logo obrigado a demittir-se! Temos excessivo cuidado pela vida exterior, quasi nenhum para cultivar a vida interior.

Graças, infinitas graças, ao eterno Pae, que nos deu Seu Filho, e por elle nos encheu de beneficios; porém a natureza humana é tam perversa que não tem por Elle senão a maior ingratidão! Pois é um inconcebivel mysterio d'amor tudo quanto Deus faz por ca-

da um de nós em particular, e para que nós vivamos de Sua vida. E não ha Deus, como diz o bruto! ... Mas, como seja para casar, vá. Confesse-se Deus em tudo; as obras dizem o contrario, antes e depois; e verdadeira humildade não ha!

Diz-se que o portuguez é orgulhoso; antes fôra christão e, melhor ainda, catholico, fiel, ao menos, e não direi agora fidelissimo, como Portugal se diz.

Em vez de nos desanimar, reconhecamos que Deus não quer directamente nossas miserias, nossos erros, nossos peccados; Elle, porém, os faz entrar nos Seus altos designios, porque não quer a nossa humilhação...

Foi o grande crime de Adão, nossa origem terreal, o duvidar elle da palavra divina. E não foi quando comeu o fructo prohibido que Adão peccou no fundo de seu coração; foi quando se abandonou ao seu orgulho. Duvidou, e acreditou que Deus o enganara, dizendo-lhe que morreria se comesse do fructo em que não devia tocar, e não reconheceu que Deus nos faz um grande bem humilhando-nos, para nos exaltar: a confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos é o maior dos bens; nada ha mais necessario que a confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos. A confiança na misericordia de nosso bom Deus nos dispõe a corresponder melhor que no passado á Sua graça, por uma vigilancia mais constante sobre nós mesmos, e por um esforço mais firme ou frequente na Sua divina protecção. Não haja, portanto, divorcio algum. E não haja durezas para o proximo. Fala o supremo Pontifice reinante: «... desde o momento que o divorcio haja sido auctorizado, não haverá freio bastante forte para o manter dentro de limites fixos, que a principio podessem ser-lhe assignados.»

A dureza de coração e a indifferença é a vergonha das vergonhas, e o amor d'affeição e alegrias em Deus é o amor mais solido e digno e apreciavel d'este mundo.

(Continúa).

A. S. F.

SECÇÃO HISTORICA

Convento e freguezia de Mancellos

CAPITULO VII

Extracto dos Capitulos de Visita

Não deixa de offerecer alguma curiosidade, dar conhecimento das resoluções d'alguns visitantes.

Estes funcionarios eram quasi sempre homens notaveis, Conegos, Desembargadores, Abbades, que se apresen-

tavam com o seu Secretario, aposentavam-se em casa do Parocho, tomavam conhecimento das necessidades que havia, ouviam queixas, que os povos lhes faziam, e providenciavam como julgavam de justiça.

O visitador tinha sempre aqui muito que fazer, porque os Religiosos de S. Domingos, que eram obrigados aos reparos da Igreja, Residencia e da Capella de Manhufe, e a fornecer a Igreja das alfaías necessarias, eram pouco cuidadosos no cumprimento d'essa obrigação.

Era necessario pois quem os obrigasse, por meio de multas, censuras, e até sequestro nas rendas.

O visitador Diogo Sarmiento Sotto-Maior era o mais apto, para se impor aos frades; por isso apparece em annos successivos, para lhes fazer cumprir o que lhes era ordenado.

Entre os visitadores, apparece um homem notavel, um erudito, que deixou uma obra que se tornou classica pelos camoneamistas.

E' João Soares de Brito, Abade de Rebordoza, no concelho de Paredes. O livro que nos deixou tem o seguinte titulo: «Apologia em que defende João Soares de Brito a poesia do principe dos poetas d'Hespanha Luiz de Camões, no canto IV, da estancia 67 a 75 a canto I estancia 21, e responde ás censuras de um critico d'estes tempos etc.» Lisboa 1641.

O primeiro fragmento do livro que aqui existe principia em 1627. Visitador doutor João Soares da Costa Correa Visitador Geral do *Ill.^{mo} reverendissimo S. or dom rrodrigo da cunha*. Manda observar os capitulos de visitaçào, que não estiverem revogados, e ordena outras coisas de interesse particular e pouco importantes.

1628. Visitador João Soares de Brito, Abade de S. Miguel de Rebordosa. Varias recommendações geraes.

1629. Visitador Doutor Miguel da Fraga do Valle. Manda que dous moradores do lugar da Gateira cumpram a obrigação que tem de dar um almude e meio de vinho aos freguezes que em dia de S. Barnabé, hiam em clamor á ermida de Nossa Senhora de S. Gens, como era costume e posse antiga; e porque no anno antecedente o não tinham dado, manda sob pena de excommunhão ipso facto, que os ditos sujeitos o paguem ao Juiz!...

1630. Visitador o Doutor João da Costa Correa, desembargador.

Nota que a sobrepeliz do serviço parochial está mui rota; que deem outra; manda pôr um pontãozinho no campo da Cruz, como sempre esteve e pouco mais.

1631. Doutor Manuel da Costa de

Mesquita, desembargador. Prohibe que os padres digam missa de tamancos, (o que mais d'uma vez é prohibido, em successivas visitas), e ordena outras coisas de somenos importancia.

1632. Doutor Paulo de Mesquita. Limitou-se a recommendar a observancia dos passados capitulos, e pouco mais.

1633. Doutor Gaspar Osorio Coutinho, desembargador. O mesmo que o antecedente.

1634. Idem, idem.

1634. José Soares de Brito. Ordena reparos na Residencia e nos caminhos, e outras providencias geraes.

1636. Doutor Vasco da Silveira e Menezes, Arcediago de Labruje, da Santa Sé de Braga. Entre outras coisas, diz o Parocho poderá citar os freguezes, que lhe não paguem as obradas. (Já então havia caloteiros, como hoje!...)

1637. Doutor Luiz de Mello, Prior do Mosteiro do Populo, em Braga. Que se não diga missa com tamancos e outras coisas.

1638. Antonio de Affonseca Coutinho, Conego Prebendado. Ordena providencias pouco importantes, relativas á Igreja.

1640.—Idem, idem.

1642. Domingos Lopes Villas Boas, Conego Prebendado. Censura os Religiosos, por não mandarem fazer as obras recommendadas, e insiste n'ellas.

1643. Idem. Ordena diferentes concertos na Igreja, Capella de Manhufe (unica que estava a cargo dos Religiosos) e Residencia; e que não digam missa com tamancos. (Vê-se que os mens collegas d'aquelle tempo eram cabeçudos) Teimavam em não largar os tamancos, nem quando diziam missa!...)

1644.—Hypolito de Carvalho, Arcediago de Vermoim. Censura os Religiosos por não fazerem as obras ordenadas, e ordena que as façam.

(Os Religiosos com as obras e os padres com os tamancos, davam que fazer aos visitadores!)

1645. Domingos Gonçalves Villaça, Conego Prebendado. Ordena que se façam tres signaes pelos defunctos; que se não digam missas nas Capellas, ao tempo da Conventual; que se não emprestem os pannos de seda, para armar cazas particulares, e outras providencias.

1646. Matheus Fernandes da Costa, Conego Prebendado. Ordena varias obras.

1647. Diogo Sarmiento de Sotto-Maior, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Conego Prebendado (E' este o fidalgo Maior dos frades.) Ordena varias obras e outras providencias.

1648. Idem. Varios concertos, alem

das recommendações geraes, que se faziam em todas as visitas.

1649. Idem. Censura os Religiosos, por não cumprirem o que se lhes ordenou; e manda que cumpram.

1650. Idem. De novo censura os Religiosos pelo mesmo motivo. Insiste nas obras ordenadas e indica outras.

1651. João de Meira Carvalho, Conego Prebendado. Insiste em que se façam as obras ordenadas. (Concertos na Igreja, Residencia e Capella.)

1653. Diogo Sarmiento Sotto-Maior. (A lucta estava travada; os Religiosos faziam ouvidos de mercador, mas o visitador era de molde, a fazel-os entrar nos eixos!...)

Censura fortemente os Religiosos, por não acabarem de satisfazer, o que tantas vezes se lhes tem ordenado. Manda que obedecam, aliás ser-lhes-hão applicadas as penas canonicas; por agora condemna-os em dous mil reis. Pouca coisa!...

1654. Idem. Ou medo ou respeito. Os Religiosos satisfizeram o que lhe foi ordenado; pelo que não manda fazer mais obras, senão segurar o côro; e isto sêm penas, visto a obediencia que mostraram. Fia-te n'elles que estás servido...

1655. Idem. Ordena mais concertos de pouca importancia, e conclue: Fica ordenado. Como quem diz: Tomem sentido; não se façam finos, senão commigo se hão de haver.

Deve recordar-se que os frades d'este convento recebiam, todos os annos, dos de Amarante e Villa Real, 40\$000 reis para estes concertos; mas pelo que se vê, não lhes davam applicação devida. Assim explica a insistencia dos visitadores.

Sague uma declaração de que ficaram na mão do rendeiro 50:000 reis, para as obras ordenadas.

1657. Idem. Que os Religiosos deem ajudante para as missas, como tem obrigação; que abram as portas da Igreja a horas; que nenhuma pessoa ouça missa na Capella Mór, sob pena de excommunhão; e outras providencias.

1660. Gonçalo Barbosa, Conego Prebendado. Faz varias recommendações sobre o acompanhamento do Santissimo; que se não impida a Cruz de prata de servir nas procissões e clamores; que Manuel Mendes, do lugar de Pidre, dê, como tem obrigação por um legado antigo, um almude e meio de vinho, para os freguezes que assistem aos clamores das Ladainhas de Maio.

(Curiosa costumeira esta e a outra igual dos individuos do lugar da Gateira! Provavelmente fizeram isto, por franqueza, algumas vezes; o povo ape-

gou-se e passou a costume e posse!... Foi pena acabar!...)

1661. Diogo Sarmento Soutto-Maior. Ordena providencias geraes; varios concertos, e que os panos da Confraria do Senhor, só se poderão emprestar para o convento de S. Gonçalo de Amaranthe, e para os Religiosos do convento da dita Villa.

(Vê-se que eram francos nossos antigos. Empréstam tudo e assim deram cabo de muitas alfaías. Houve um armador que ganhou bom dinheiro com os reposteiros...)

1663. Idem. Censura os Religiosos, por não satisfazerem as obras ordenadas. Se as não fizerem, o Reitor ou o seu Cura farão sequestro nos fructos que não será levantado, sem tudo estar satisfeito. Tudo sob pena de excomunhão.

(Podem respirar os Religiosos! E' esta a ultima vez, que aqui lhes apparece o seu flagello!... Nenhum foi tão pertinaz na lucta com os frades, para os obrigar a cumprir suas obrigações!...)

1663. Joseph de Magalhães Machado, Arcipreste de Braga. Ordena providencias geraes.

1664. Doutor Gonçalo Barboza, Conego Penitenciario. Recommenda que os Religiosos façam as obras ordenadas e outras providencias. Havendo suspeiado de que o Parocho se concertava com as pessoas, que tinham obrigação de fazer officios pelos defunctos que ou se não faziam ou se dilatavam, com grave detrimento das almas; manda que se façam os ditos officios, sob pena de suspensão de suas ordens *latue sustentue* para o Parocho, e excommunhão para os outros.

1665. Marcos Diniz Velho, Conego Prebendado. Censura os Religiosos por não fazerem os concertos ordenados; que satisfaçam sem demora; que os habitantes do logar, onde fôr o Santissimo, o venham acompanhar.

1666. Joseph de Magalhães Machado. Que se façam as obras ordenadas, aliás o Rev. Parocho faça sequestro nos fructos; e continúa: Fui informado haver n'esta freguezia muitas superstições, como mulheres e gente do povo, dizendo que as almas dos defunctos se vem meter n'ellas, para dizerem os meios por donde se salvarão, e os meios por donde se perderão, o que mais parece Brutalidade e gentildade; mando ao Rey. Parocho proceda contra elles até de participantes, e não dando por isso, os denuncia á Santa Inquisição.

1667. Bento Rocha Aranjó, Conego Prebendado. Ordena varias obras e sequestro, se se não fizerem; e outras providencias geraes.

(Aqui faltam folhas.)

1669. Domingos Ferreira Santarem, Conego Prebendado. Os Religiosos não satisfizeram; ordena que façam varias obras e deem alguns paramentos, aliás o Rev. Reitor fará sequestro.

Nada mais existe até 1715.

(Continúa)

PADRE JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

SECÇÃO LITTERARIA

Dr. Salles

O PROBLEMA DE LOURDES

(Versão do francez)

(Continuado do n.º 20)

Bernadette não era hysterica

Muitos medicos examinaram Bernadette, mas nenhum lhe encontrou os *signaes* ou os *estigmas* da hysteria.

A *extravagancia* e a *originalidade* são o *caracteristico* da hysteria.

A vida, o caracter e os actos de Bernadette *provam* precisamente a contrario.

Ao inverso dos hystericos, Bernadette viveu sempre uma vida a mais *calma* e *regular*.

Durante os oito annos que residiu em Lourdes apóz as *appareições*, e a despeito da *notoriedade* que andava ligada ao seu nome, Bernadette ficou tão *simples* e tão pouco *vaidosa* como antes.

Como Religiosa foi um modelo de *doçura* e de *submissão*.

Era admiravel o seu character, se considerarmos todas as provas que teve de suportar.

Ameaçada e torturada pela policia, importunada a cada momento pelos interrogatorios capciosos d'um sem numero de visitantes, Bernadette nem mesmo chegou a dar o vulgar *grito de revolta*, que é tão natural aos que estão cansados de ouvir importunos.

Ella repetiu mil vezes a mesma narração não deixando nunca de se mostrar *tranquilla* e *delicada*.

Os grandes actos da vida de Bernadette foram *prudentes* e *reflectidos*.

Entrando no claustro, mostrou que desprezava as vaidades d'este mundo, e n'isto foi *coherente* até ao fim.

A ausencia dos *estigmas* da hysteria, a vida, o character e os actos de Bernadette são uma *prova innegavel* de que não era *hysterica*.

* *

Demonstrando que Bernadette não era hysteria, claramente se vê que os seus *extasis* não podem ser explicados per esta enfermidade.

Charcot, cuja competencia ninguem pode contestar, diz effectivamente a este respeito: (*O extasis hysterico* não possui verdadeiramente um *character especial*, que permita *distinguil-o* das outras variedades d'*extasis*. Para o reconhecer é necessario estudar o enfermo no intervallo das crises, analysar todos os phenomenos que as precedem ou seguem. Se se encontrarem os *estigmas* da hysteria, se se observarem phenomenos relativos aos periodos do *grande ataque* então, e sómente então, se póde *conhecer* a sua natureza, porque a *phisionomia exterior* não basta para a caracterisar.)

Portanto, visto que Bernadette não tinha *estigma* algum de hysteria, nem teve jamais o *grande ataque*, sômos auctorisados pelo proprio professor Charcot a proclamar abertamente que os *extasis* da humilde pastora não eram de *natureza hysterica*.

* *

Em nossos dias, o *hypnotismo* tem por meio de sensacionais experiencias, captivado a attenção publica.

Os detractores de Lourdes tem-se aproveitado d'elle para tentarem demonstrar por este meio os *extasis* de Bernadette.

Houve até quem *reproduzisse* as grandes linhas das *appareições* de Lourdes.

Porém estas experiencias são por si mesmas a refutação mais complecta d'esta nova these applicada ás *Visões* de Bernadette.

Effectivamente no *somno hypnotico* o individuo não tem personalidade propria; está á mercê de quem o dirige; é um simples *automato*.

«Bernadette, perante a gruta e em oração, diz o Dr. Dozous, estava no uso pleno dos seus sentidos e dos movimentos dependentes da *acção da vontade*. Realisava um grande numero de actos pelos quaes mostrava ser *absolutamente senhora* de si mesma e estar de posse de toda a sua actividade voluntaria. (¹)

Esta comprovação feita pelo Dr. Dozous, e corroborada pelas testemunhas presentes, prova absolutamente que o *hypnotismo* não representava papel algum nos *extasis* de Bernadette.

* *

E' certo tambem que o *hypnotisado*, collocado nas *mesmas* condições, reproduzirá os *mesmos* phenomenos.

No espaço d'alguns mezes, Bernadette teve *dezoito* *extasis*. Mas ella foi *mais de dezoito* vezes á Gruta, e as testemunhas affirmaram que *muitas vezes* tal *extasis* não se produziu.

(¹) Dozous, La Grôte de Lourdes, p. 103.

Entrando de novo na vida commum, Bernadette não deixou de ir muitas vezes á Gruta, e comtudo nunca mais teve outros extasis.

Estas diversas observações dão ainda aqui um cruel desmentido á these hypnotica.

Está finalmente provado que um individuo hypnotisado, recita uma lição apprendida, descreve objectos que já viu.

Bernadette refere palavras que *surprenderam* o mundo, e que têm um *cunho particular*, no qual parece gravado o Divino.

A humilde pastora revela-nos uma Virgem ideal cujo *typo desconhecido* é uma verdadeira *creação* artistica.

Decididamente a these hypnotica não póde explicar o *character* dos extasis de Bernadette.

Em resumo as *visões* e os *extasis* de Bernadette estão fóra do *dominio scientifico*, porque não podem ser explicadas nem pela loucura, nem pela allucinação, nem pela hysteria, nem pelo somno hypnotico, taes, pelo menos, como nós os conhecemos em nossos dias.

Bernadette era sincera

Visto que as visões e os extasis de Bernadette não podem ser *scientificamente* explicados, resta provar que não eram *fingidos*.

Se bem que pastora, Bernadette podia ser uma habil actriz, e seria rigorosamente admissivel que, haurindo n'um dom natural uma sciencia *mimica* perfeita, tivesse podido apresentar os jogos de phisionomia appropriados á *mise en scene* d'uma obra genial de primeira ordem.

Ha drama mais bello, com effeito, que esse colloquio ingenuo e tão intimo de duas personagens, das quaes uma é invisivel, que é capaz entretanto de prender a attenção durante dezoito scenas com intervallos ás vezes muito espaçados?!

Que artista sublime, aquelle que, sem artificio, com um scenario rustico e algumas palavaas d'uma simplicidade notavel, poude provocar o entusiasmo e admiração do mundo inteiro!

Contentemo-nos com saudar de *passagem* o creador d'esta maravilha que se chama *Lourdes*, e de assignalar o *character pouco humano* d'este auctor desconhecido, que, desprezando as honras d'este mundo, preferiu a sua recompensa na glorificação do seu ideal religioso, o mysterio da *Immaculada Conceição*.

Em compensação conhecemos Bernadette, e por isso poderemos estudal-a

no supposto papel que ella teria representado no mysterio de Lourdes.

Se a concepção fôsse humana, claro é que existiria um *acordo tacito* entre o auctor e o seu protagonista.

E' tambem não menos certo que os motivos não podiam ser os *mesmos* para os dois.

Seria effectivamente prodigioso o suppôr um instante sequer que o *mesmo ideal* religioso podesse reunir dois seres absolutamente *differentes* a ponto de não formar d'elles *mais de que um só*.

Em caso de *fingimento*, o dilemma seguinte impõe-se:

Ou Bernadette *creou por si só* o drama de Lourdes;

Ou *recitou* uma lição que lhe ensinaram.

Bernadette não era *capaz* de crear este drama.

Quem era effectivamente Bernadette?

Uma rapariguinha de treze annos, «dotada d'uma intelligencia *ordinaria*», diz o Dr. Dozons, que a estudou especialmente debaixo d'este ponto de vista.

Não sabia *ler* nem *escrever*, e pouco fallava o francez.

Debaixo do ponto de vista religioso «não tinha mais do que umas *noções vulgarissimas* da religião christã» diz ainda o Dr. Dozons.

Em taes condições, póde-se dizer á *priori* que o cerebro de Bernadette não era capaz de *crear todas as peças* d'esta magnifica serie de scenas em que tudo se encadeia e se desenrola com uma *ordem* e uma *logica* admiraveis para chegar á sublime palavra do fim:

«*Eu sou a Immaculada Conceição.*»

Bernadette não *recitou* uma lição previamente estudada.

Um vulgar conhecimento da natureza humana basta para deitar por terra esta hypothese.

Bernadette era effectivamente uma *creança*, e, perante as ameaças d'um commissario de policia, que tentava aterral-a, não se sentindo amparada pela familia nem pelo clero, não teria sido capaz de *sustentar* por muito tempo o seu papel, sem commeter alguma *imprudencia* de linguagem, e, por fim de contas, teria *confessado* o embuste.

(Continúa)

O convento

I

Cobria a natureza um longo veu
De tristeza mortal crepuscular,
Tinha clarões de jogo a luz do ceu,
E suspiros a briza, ao perpassar.

Alem, sobre a montanha penhascosa,
Eu vi, então, a sombra de um convento:
Dir-se-hia tartaruga monstruosa
Emergindo em visão de desalento.

Caminhei, caminhei por longo espaço.
Chamava-me a poesia do mysterio;
Que valiam terrores e cansaço?

Mas ai, do monumento aos liminares
Rasgou-se, de alto a baixo, o veu funereo,
E um astro resplendeu aos meus olhares.

II

No alto do mosteiro solitario
Se erguia o lemma ideal da santa Cruz;
Da Cruz, o altar divino e funerario
Do doce Redemptor, Christo Jesus;

Da Cruz, o emblema a insignia carinhosa
Dos filhos escolhidos do Senhor,
O lábaro da crença luminosa,
A alvorada mystica do amor.

Vi então que diante de meus olhos
Tinha uma estancia d'anjos, um paraíso;
A Cruz da vida aponta os mil abrolhos!

Moravam alli—sim—a doce luz
E os extasis perpetuos de um sorriso:
E' sol immaculado, a santa Cruz!

(Prosegue)

OSCAR LUSO.

Crentes e descrentes

Romance de propaganda religiosa

I

Uma familia infeliz

(Continuado de pag. 237)

Mãe a boa da Luiza se viu no portal da sua casa, começou a preparar os 72 degrãos que a levavam até á sala da sua habitação, com uma agilidade de que ninguem a julgaria capaz. A pobre da mulher ia anciosa por levar ao marido e á filha a libra de cavallinho que ha pouco recebera da sua excellente comadre. Como boa dona de casa que era, ia de antemão revendo-se na alegria que sentiriam os seus, quando vissem aquelle dinheiro que a divina Pro-



A sagrada familia

videncia, condoida do seu infortunio visivelmente lhes enviara.

Ao chegar, porém, ao segundo andar, uma voz instinctiva avisou-a de que havia novidade. E de facto, sentiam-se já diversas vozes que vinham do andar superior, exactamente da casa em que ella habitava, e onde havia duas horas que deixara a filha doentinha, e o marido na sua companhia.

No entretanto subiu, e parou ao limiar da porta. Dentro da sala estavam duas ou trez visinhas, em torno da cama da filha, falando em voz baixa.

Novo sobresalto, e d'esta vez mais forte, a accommetteu.

—Ha alguma novidade?—perguntou offegante. Que succedeu? Onde está o meu Manoel? Que é da minha rica filha?

E irrompeu pela sala dentro até junto do leito de sua filha.

—Socegue, snr.^a Luizinha, disse uma das visinhas. Não ha de ser nada, se Deus quizer. Sua filha teve um ataque, e o seu Manoel foi chamar um medico.

—A minha Guilhermina teve um ataque? Mas eu deixei-a socegada, sentada na cama, a conversar com o pae.

E chegando-se junto da filha, que estava deitada, e, ao que parecia, inanimada, abanou-a, dizendo:

—Olha, Guilhermina, tu que tens? Estás peor? Escuta o que te digo. Olha para mim, que te trago boas noticias. Mas ella não me responde. A minha querida filha morreu... Santissima Virgem valei-me!

—Não morreu, não, boa mulher. A sua filha está viva, porque o coração ainda bate. Ora ponha aqui a mão, continuava a visinha, pegando na mão da boa da mulher.

—E' verdade, é verdade. O coração ainda pulsa. Mas como foi isto? Como foi que isto succedeu?

—Eu lhe conto,—disse a vizinha que era uma brunideira que morava nas trazeiras do andar inferior. Haverá duas horas, estava eu brunindo uma camisa, que até por signal era a ultima das trez que me faltavam para o marceneiro ali defronte... porque, é verdade, não sei se sabe, elle sempre casa a filha com aquelle pintalegrete do namorado, que é creaturinha, Deus me perdoe, com quem eu embirro, e por isso prepara-se para o casamento. Mas, como lhe ia contando, haverá duas horas, quando eu ouvi um grito cá de cima, e immediatamente pousei o ferro no descанço, e puz-me a escutar, porque, olhe, snr.^a Luizinha, a gente somos uns para os outros. De repente ouvi a voz do seu Manoel, chamando por mim. Ora, não imagina! Em dois pulos cheguei aqui. E que vinha a ser? A sua Guilhermina, coitadinha, teve um ataque mais forte de tosse, e sentiu uma dor muito aguda no peito, e caiu sem sentidos. Eu esfreguei-lhe a testa com vinagre, dei-lh'o a cheirar, mas a pobre da pequena, não veio a si. Então o pae, coitadinho, que lhe quer como á vista dos olhos, agarrou no chapeo, e largou pela porta fóra á cata do doutor. E aqui está tudo o que se passou.

—Mas a minha filha morrerá? Jesus Nosso Senhor me acuda!

E aproximando-se de novo da filha bradou:

—Ó Guilhermininha! Ouve! Tu não ouves a tua mãe?

E a filha, como que se estivesse á espera d'este appello materno, abriu os olhos e fixou-os ternamente na mãe.

—Olhe vê, vê—accudiram em coro as vizinhas. Ella ahi está já fina.

Guilhermina então divagou o olhar em torno da salla, e tornou a fixar os olhos na mãe.

—Então, como te sentes, minha filha? Estás melhor, perguntou

a mãe, inclinando-se sobre ella, e beijando-a com ternura.

—Estou, minha mãe, agora estou melhor. Mas senti uma dôr muito aguda, e julguei que ia morrer. Onde está o pae?—perguntou ella com voz fraquissima.

—O pae foi chamar o doutor—respondeu a vizinha, a que entre todas mais taramelava.

—Mas já vae tardando, não vae?—perguntou a mulher, que estava anciosa pelo ver, e por lhe fallar

—Eu lhe digo, o doutor da associação mora na rua de Entre-Paredes, e ás vezes não estaria em casa. Mas elle não pôde tardar.

—Oxalá que elle venha, que eu gosto de ver a familia toda em casa. E tu,—continuou ella, voltando-se para a filha—estas muito fraquinha, pois não estás?

Guilhermina sorriu-se tristemente, e nada respondeu.

—Estás, que eu bem sei que estás. Pois espera um bocadinho, meu amor, que eu já te valho.

E voltando-se para a vizinha do andar inferior, continuou:

—O' snr.^a Mariquinhas, tome conta na casa até vir o meu Manoel, que eu volto já. Vou n'um instante ao Anjo comprar uma franga, e estou aqui n'um ai.

E sem dar tempo a resposta, desceu a escada, vestida como ainda estava, e tendo subido a rua de Bellomonte, e a das Taypas, em breve entrava no Anjo.

Batiam as Ave-Marias, na igreja do Carmo, e começava a accender-se a illuminação publica.

Luiza entrou n'uma loja de mercearia comprou *uma onça* de chá, e *uma quarta* de café, comprou depois uma franga, gastando ao todo dez tostões, e voltou de novo para casa.

Quando novamenté penetrou na sala, encontrou tudo no mesmo estado em que havia ficado, pois que a boa mulher, entre ida e volta não gastara meia hora.

O marido ainda não havia voltado.

—Jesus, Senhor, que grande

demora! Ter-lhe-ia succedido alguma coisa?

—Isso sim! Que lhe havia de acontecer? O mais certo é elle estar á espera do doutor. E pode ser que elle receitasse, e o seu Manoel viesse pela botica, e esteja á espera do remedio.

—Deus a ouvisse, snr.^a Mariquinhas.

E tu, Guilhermina, espera um instante, que vou fazer-te um caldinho de franga, que te ha-de fazer muito bem.

—Então foi compral-a?—perguntou a custo a doente.

—Fui, minha filha. Espera um pouco que eu volto já.

E entrando na pequena cosinha da casa, que ficava ao lado da salletta, a boa da mulher matou a franga, depennou-a, abriu-a e preparou-a; e com a agilidade de que era dotada, em breve preparou um caldinho, que foi levar á sua querida doente.

Quando ella o trouxe junto do leito da filha, batiam nove horas, no pequeno relógio de capella, que estava em cima da commoda.

—O' Mariquinhas,—perguntou ella de repente, tu esperas hoje o teu homem?

—Deve vir á meia noite, porque está na descarga d'um vapor, na Ribeira.

—Se tu fosses n'um pulo á botica, a ver se la está o meu Manuel...

—Vem d'ahi commigo, snr.^a Josepha? perguntou a interpellada, dirigindo-se á outra vizinha.

—Pois vamos. D'aqui até lá é perto.

(Continua)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

O Carpinteiro e o Fidalgo

O Miranda não era capaz de dizer aquellas palavras que hontem de manhã disse o Carlos da Camara ao Frederico. Carlos da Camara é um soberbo, por que seu pae é fidalgo... um homem alto com toda a barba preta, muito sério, que vem quasi todos os dias

acompanhar o filho. Hontem de manhã o Camara testilhou com o Frederico, que é um dos mais pequenos, filho de um carpinteiro, e não sabendo que mais havia de dizer-lhe, porque tinha sido justo, disse-lhe altaneiro: — Teu pae é um pobretão! Frederico córou até á raiz dos cabellos, e calou-se; mas vieram-lhe as lagrimas aos olhos. Quando foi para casa repetiu a phrase ao pae e logo o carpinteiro, um homem pequeno, com o facto enxovalhado do trabalho, resolveu ir á lição da tarde com o filho queixar-se ao professor. Em quanto fazia as suas queixas e todos estavam muito calados, o pae de Carlos que tirava, como fazia sempre, o casaco de abafar do filho á entrada da porta, ouvindo pronunciar o seu nome entrou e pediu explicações.

—E' este operario, disse o professor, que vem queixar-se de seu filho Carlos por haver dito ao filho d'elle: — Teu pae é um pobretão!

O pae de Carlos carregou o sobrolho e córou ligeiramente. Depois perguntou ao filho:

—Disseste aquellas palavras?

O filho em pé, no meio da escola, com a cabeça baixa, não respondeu. O pae tomou-o então por um braço, empurrou-o para diante do Frederico, quasi a tocar-lhe e disse:

—Pede-lhe perdão.

O carpinteiro quiz interpôr-se dizendo:

—Não, isso não...

Mas o pae de Carlos, não o atendeu, e repetiu ao filho:

—Pede-lhe perdão. Repete as minhas palavras: "Peço-te perdão pela phrase injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão."

O carpinteiro fez um gesto impaciente como quem diz: Não senhor, isso não pode ser. O pae de Carlos não lhe deu attenção; e o filho disse lentamente, com uma tenue voz e sem levantar os olhos do chão:

—"Peço-te perdão pela phrase

injuriosa, insensata e indigna que proferi contra teu pae, a quem o meu se honra de apertar a mão."

N'este momento o pae de Carlos estendeu a mão ao carpinteiro, que lh'a apertou com força, e n'um impulso espontaneo, atirou o filho para os braços de Carlos.

—Faça-me favor de os collocar um ao lado do outro no banco; disse o pae de Carlos ao professor.

Este fez sentar o Frederico no banco de Carlos. Depois que se sentaram, o pae de Carlos fez uma cortezia e saiu.

O carpinteiro ficou algum tempo pensativo, olhando para os dois rapazes; depois aproximou-se do banco e fixou Carlos com expressão de pezar, como quem queria dizer alguma coisa, mas não disse nada, estendeu-lhe a mão para fazer-lhe uma caricia, porém não se atreveu, e apenas lhe roçou a fronte com dois dos seus grossos dedos. Depois encaminhou-se para a porta, voltando-se ainda mais uma vez, olhou para elle e retirou-se.

—Recordem-se bem do que acabam de ver, meus filhos,—disse o professor—esta é a mais bella lição do mez.

Fraqueza humana

Senhor, Senhor, não sou atheu, descrente;
A virtude venero e a santidade;
Ambiciono a beata eternidade,
A' luz da face tua refulgente.

Mas ai! que se da hemaventurança
Puras aspirações minha alma nutre,
Lá vem do corpo vil o negro abutre
Turbar-me os doces gozos da esperança!

Oh! como a carne é fraca, mas tyrannal
Sentiu-lhe Paulo a prepotencia insana,
Que o arrastava á terra do alto ceo.

E se elle de lutar precisou tanto,
Eu, que não sou apostolo nem santo,
Como vencer-me sem o auxilio teu?

A. MOREIRA BELLO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

A sagrada familia

(Vid. pag. 241)

Veja-se o esplendido quadro que hoje representa a gravura do nosso jornal. Jesus, Maria José! Que trez pessoas tam queridas ao nosso coração, que trez amigos da nossa ventura que trez protectores, empenhados na nossa salvação!

Jesus, Maria, e José! Eis a sagrada familia, a familia exemplar de Nasareth, que veio trazer a Redempção do mundo, e abrir o ceo para as nossas almas, impossibilitadas d'ahi entrarem por causa do peccado original.

E que felicidade não foi a d'essa familia, em quanto viveu sobre a terra, dando nos exemplos de virtude, de sanctidade e d'amor.

Bemdictos sejam Jesus, Maria e José,—a sagrada familia de Nasareth!

Santa Luiza, Virgem Martyr

(Vid. pag. 247)

Era de familia distincta, natural de Syracusa, e viveu no seculo quarto da era christã. Nos seus primeiros annos viveu com a familia, entregue ás suas orações, e dedicando extraordinario zelo pela egreja catholica. Perdeu o pae na idade de 5 annos, mas dedicou os affectos a sua mãe, a quem consagra grande respeito, e verdadeiro amor filial.

Sua mãe escolheu-lhe noivo; mas a filha recusou se obstinadamente, porque da mais terna infancia se havia dedicado d'alma e coração a Jesus Christo promettendo ser sua esposa.

Adoecendo a mãe, com um fluxo de sangue, foram a mãe e a filha a Catania pedir a Santa Agatha, cujo tumulo estava n'aquella cidade, lhe obtivesse de Deus a cura d'aquella doença. A santa appareceu em sonhos á boa filha, e disse-lhe que ella propria podia fazer o milagre porque Deus a considerava já esposa sua e nada lhe recusaria, e que voltasse para Syracusa, onde faria os mesmos milagres que ella fazia em Catania.

Acordou a filha, e foi abraçar a mãe já então livre de todo o perigo, e pediu-lhe que em signal de gratidão para com tamanha mercê recebida de Deus, a desligasse da palavra dada para o seu casamento, ao que a boa mãe promptamente annuiu.

Conseguiu depois a excelsa sancta que a mãe dispozesse em vida de todos os seus bens em favor dos pobres, e ambas venderam as joias que possuíam, distribuindo-as pelos pobres.

Sabendo o noivo que já nada possuíam, e que por conseguinte nada podia obter d'ellas, como muito anciava, foi accusal-as ao prefeito da cidade, dizendo que ellas eram christãs.

Chamada a casta virgem á presença do tyranno, foi em vão que este empregou todos os disvelos para a desviar de seguir a senta religião de Jesus.

Enraivecido o tyranno mandou que a retirassem d'alli, e que a levassem para um sitio de má nota, afim de ser profanada pelos seus soldados. Mas, por mais esforços que fizessem, nem conseguiram tirar d'alli o corpo da santa, nem mesmo sendo arrastada por muitas juntas de bois.

Então, confuso o tyranno, mandou que accendessem uma grande fogueira em torno d'ella, mas nem a immensa labareda que se formou, a conseguiu asphixiar.

Então, vendo Paschasio tam visível milagre, e ouvindo as pessoas presentes bradarem: «Gloria ao Deus dos christãos!» arrancou da espada e ordenou ao carrasco que lhe atravessasse a garganta com a espada.

E assim falleceu a santa martyr no dia 13 de dezembro do anno 304.

Diz-se que esta virgem é advogada da vista, e costuma ser pintada com um prato na mão, onde estão os seus olhos.

SECÇÃO NOTICIOSA

Suas magestades no Porto

Promettemos, no nosso ultimo numero, fallar detidamente, das festas realisadas n'esta cidade, e vemo nos forçados a restringir o assumpto o mais possivel, obrigados a isso pela falta de espaço, do que já nos queixamos no artigo principal.

Chegou ao Porto El-rei o Snr. D. Carlos I, e sua augusta esposa, a Rainha D. Amelia, ás 4 horas da tarde do dia 20 do mez findo. Foi imponente a recepção official em Campanhã. Recolhendo ao paço Suas Magestades, jantaram, e em seguida dirigiram-se ao theatro de S. João, onde se realizou a recita de gala, representando a Companhia do Theatro de D. Maria II. No dia 21 realisou-se a solemne inauguração do monumento do Infante D. Henrique, junto ao edificio da Bolsa, havendo se-

guidamente um *Te Deum* solemne na Egreja dos extinctos franciscanos, presidido pelo nosso prelado, o Snr. D. Antonio Barroso. A' noite não sahiram Suas Magestades havendo no paço um jantar de gala a que assistiram a Associação Commercial e Industrial, Camara Municipal, e auctoridades civis.

No dia 22 assistiram os augustos soberanos á instalação da comissão de Assistencia aos Tuberculosos, nos Paços do Concelho, e ao assentamento da primeira pedra do edificio da estação central dos caminhos de ferro na praça d'Almeida Garrett. N'este dia deu El-rei um jantar no paço á classe militar, e foi assistir ao baile dado no Club portuense, em honra de S.S.M.M.

No dia 23 realisou-se em Leixões o assentamento da primeira pedra para o posto de desinfecção, a cargo da Associação Commercial, embarcando S.S. M.M. a bordo do cruzador «D. Carlos» (uma das seis embarcações de guerra que vieram fundar em Leixões), e seguiram para a capital.

— Houve importantes e vistosas illuminações na cidade, durante as noites de 20, 21, e 22, notabilizando-se os edificios da Camara Municipal e Associação Commercial, a praça de D. Pedro as ruas dos Clerigos e Santo Antonio, e o *square* do Infante D. Henrique.

— Na noite do domingo 21, realisou-se a *retraite* militar, sahindo por volta das 8 horas da frente do Palacio de Christal, e compondo-se de charanga de lanceiros, destacamentos de cavallaria 6 e guarda municipal, bandas de infantaria 3, 6, 18, 19, e guarda municipal, e regimentos de infantaris 6 e 18. Todos os soldados impunham fachos accesos, o que produzia, visto de longe, um aspecto phantastico.

— Nas torres de Santo Ildefonso e dos Clerigos ostentavam-se dois magnificos projectores electricos que illuminavam toda a cidade.

Varias noticias

O Banco de Portugal resolveu ha dias que acceita em circulação até ao fim d'este anno de 1900 as notas velhas de 500 rs., as de 20\$000 reis da emissão anterior, e as cedulas de 100 e de 50 rs. Ahi fica o aviso.

— Estão abertos os seguintes concursos: Para o logar de official de diligencias do concelho de Santa Cruz da ilha Graciosa, com o ordenado de 100\$000 rs. insulanos; para o logar de continuo com o mesmo ordenado, e egualmente para um logar de zelador, alem da parte que, nos termos do direito, lhe competir no producto das multas por transgressões de posturas e regulamentos policiaes.

— O conselho de administração dos caminhos de ferro do estado determinou que se faça a cobertura da plataforma intermedia da estação central do Porto, e transferiu para a conta do thesouro a quantia de 62:500\$000 rs. proveniente das receitas liquidas das linhas do estado.

— O snr. José Antonio Pereira Junior, habil compositor de musica lisboense offereceu á excellente banda do corpo dos marinheiros dois passos-dobrados intitulos *S. Gabriel* e *S. Raphael* (nomes dos dois novos cruzadores da armada, que ha dias estiveram em Leixões). Dizem ser composições de bastante merecimento.

— Em consequencia do caso de peste dado em Cardiff, ter sido importado, pois deu-se n'um marinheiro procedente da cidade do Rosario, foi communicado a todas as anetoridades sanitarias do reino, que ás precedencias d'aquella cidade não são impostas restricções sanitarias.

— Sua Magestade El rei, por occasião da sua partida para Lisboa, entregou ao snr. governador civil d'este districto a quantia de 1:5000\$000 rs., sendo um conto de reis para os pobres que lhe entregaram requerimentos pedindo esmolas, e o resto para os asylos d'esta cidade. O snr. dr. Pereira e Cunha mandou entregar o dinheiro ao snr. commissario geral de policia, para proceder á distribuição, depois de feitas as devidas indagações.

— Para o fabrico de manteigas artificiaes despachou ha dias a Fabrica Nacional de Butterine 20:270 kilos de margarina em bruto, de origem americana, no valor 2:5000\$000 rs. importando os direitos em 2:156\$750 rs. Já por vezes nos temos referido a este escandalo; mas pelo visto, somma e segue.

— O snr. Pedro d'Araujo despachou ha dias para a ilha Terceira 2 caixas com cinco contos de reis, em moeda de prata portugueza.

Rectificação

Por lapso typographico, não foi publicado no lugar competente o summa-rio enunciativo do Capitulo XXXVI da *Vida do Beato João Grande* que o «*Progresso Catholico*» publicou em folhetim.

Esse summa-rio que deveria encontrar-se a Paginas 185, era o seguinte: — «**Capitulo XXXVI**» — *Procura o demonio desacreditar-o, mas em vão. Referem-se dois casos notaveis em que com o favor do céu, o deixou vencido.*»

Fica feita a rectificação, que aliás vem tambem feita no respectivo *Indice*, em que, entre as paginas 185 a 189 se encontra o alludido Capitulo e o seu summa-rio, vendo-se a administração obrigada a reeditar uma nova folha para que as respectivas paginas venham completas, com o summa-rio que lhe faltou. E ficam d'essa forma os snrs. assignantes com a obra completa.

Noticias de Roma

— Assegura-se que no proximo consistorio serão nomeados cardeaes os monsenhores seguintes:

Gennari, accessor da sagrada congregação da Inquisição; Tripepi, substituto e secretario da cifra da secretaria de Estado; della Volpe, prelado palatino mordomo de Sua Santidade; Taliani, nuncio apostolico em Vienna; e Martinelli, delegado apostolico nos Estados-Unidos.

— O «*Osservatore Romano*» publica hoje um breve do Papa ao cardeal presidente do congresso dos terceiros exprimindo a sua satisfação pelo bom resultado do congresso, e fazendo votos por que a ordem tome grande extensão, pois que o tempo presente é um simulacro d'aquelle em que S. Francisco estabeleceu a sua regra para maior bem da Igreja.

— O abade Lourenço Perosi acaba de compôr um hymno ao Salvador, de cuja lettra é auctor Sua Santidade Leão XIII.

Este hymno será executado pela primeira vez no dia 24 de dezembro proximo na basilica de S. Pedro em Roma.

— Diz *El Correo Español* que não offerece duvida que o sr. Pidal será nomeado embaixador de Hespanha junto da Santa Sé, para o que se fala na jubilação do actual embaixador, sr. Merry del Val.

E' possivel que a nomeação do sr. Pidal se não faça até á reunião das côrtes.

Devoção ao SS. Rosario

Acabamos de receber um livrinho que tem por titulo: *Publicação do Padre Pradel* — «O livrinho indispensavel aos associados do Santissimo Rosario»

O proprio titulo está fallando da im-

portancia da obra que traz instrucções sobre as indulgencias d'esta devoção, as obrigações dos associados e o modo de recitar o psalterio Mariano. Custa apenas 10 reis e merece bem ser divulgado.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

Recebemos e agradecemos o «Relatorio dos annos lectivos de 1896 a 1900, do Collegio de S. Thomaz d'Aquino», fundado e dirigido em Braga pelo Rev.^{mo} Padre Manuel Joaquim Peixoto Braga.

N'este excellente collegio houve n'esses quatro annos 479 approvações 51 distincções e 30 reprovações.

O Relatorio é muito bem impresso, e vem adornado de varias e curiosas photographuras, sendo uma d'ellas a do alumno José Joaquim Pires, alumno mais distincto do collegio em aproveitamento nos annos de 1898 a 1900, fazendo exame no actual anno lectivo de geographia, historia, litteratura, e physica, 1.^a e 2.^a partes.

«Legislação Eleitoral annotada»

Com este titulo vae publicar o nosso presado collega *Campeão das Provincias* uma preciosa obra, em 2.^a edição, escripta pelo eminente jurisculto Dr. Barbosa de Magalhães, auctor do *Codigo eleitoral portuguez*.

Deve custar cada exemplar 800 reis e é indispensavel a todos os que tenham de intervir na proxima eleição de deputados.

Anniversarios da elevação de Leão XII ao Cardinalato e ao Pontificado.

A Sociedade Primaria Romana dos interesses catholicos, que tomou a iniciativa das festas para celebrar o quinquagesimo anniversario da elevação ao Cardinalato e o vigesimo quinto da exaltação ao Pontificado de Sua Santidade Leão XIII, resolveu que estas festas fossem precedidas desde já da recitação, em todo o mundo, da seguinte oração que foi approvada pela auctoridade ecclesiastica:

«Senhor, prostrados ante vossa divina Magestade, supplicamo-vos escuteis com benevolencia os ardentes rogos que vos dirigimos pelo nosso venerado Pontifice Leão XIII.

«Renovae em seu favor o milagre que outrora operastes em beneficio de S. Pedro, quando o anjo quebrou as suas cadeias enquanto os fieis oravam por elle com fervor.

«O Vigario de Jesus Christo geme tambem, n'esta Hora, sob o estado de servidão imposto á Igreja pela malicia d'insolentes inimigos. Ah! defendei-o e conservae-o para maior gloria do

vosso santo nome e para o bem de toda a catholicidade.

«E porque sois rico em misericordia, Senhor, concedei a Leão XIII a graça de vêr e ultrapassar os annos de Pedro na Cadeira de Roma, que lhe seja permittido assistir ao triumpho da Igreja sobre as potencias adversas e á volta de tantos filhos afastados da casa do Pae commum da familia christã. — Amen.»

Esta oração, traduzida em todas as linguas e distribuida ao mundo catholico, será enviada a todos os Bispos, com o pedido de a fazerem recitar especialmente pelos seus diocesanos, á mesma hora, em todas as igrejas do universo, no primeiro dia de Janeiro de 1901 e em 20 de fevereiro, anniversario da elevação ao Pontificado do nosso Santo Padre Leão XIII.

Encyclopedia portugueza illustrada

Recebemos o fasciculo 80 d'este magnifico dictionario universal, publicado sob a direção do sr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 504 artigos e 9 figuras que abrangem desde *Calai* a *Calendario*. Entre os artigos mais importantes d'este fasciculo citaremos: *Calcureo* dos snrs. drs. Wenceslau de Lima e Maximiano Lemos, *Calcio*, do sr. dr. Ferreira da Silva; *Calculo*, do sr. J. C. d'Oliveira Ramos; *Caldeira* do sr. H. Carvalho de Assumpção e *Calefacção* do sr. dr. Joaquim Cambezes. Com este fasciculo termina a 16.^a caderneta que tambem se acha em distribuição.

Continua a assignar se este excelente dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da Empreza Lemos & C.^a, successor, Largo de S. Domingos, 63-1.^o — Porto. Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Belem & C.^a; rua do Marechal Saldanha, 26.

«Cathecismo de Perseverança»

Recebemos e agradecemos o fasciculo n.^o 75 d'esta importante publicação, editada pelo nosso amigo Antonio Dourado.

Está quasi a findar o oitavo e ultimo volume d'esta obra, que ainda se assigna em casa do editor, Passeio da Graça n.^o 41 a 43, Porto.

EXPEDIENTE

A empreza do «*Progresso Catholico*» agradece muito reconhecida, aos srs. assignantes que teem satisfeito as suas assignaturas. D'aquelles porém, que ainda não mandaram

pagar, espera confiadamente a empresa que o façam o mais breve possível. O «Progresso Catholico» tem despesa certa e avultada, e se os srs. assignantes não pagarem pontualmente, são muitas as dificuldades que criam á empresa.

*

Aos srs. assignantes do Brazil e Ilhas que não satisfaçam até ao fim do anno, ser-lhe-ha suspensa a remessa.

Catecismo de Perseverança

Está á venda o 7.º volume d'esta importantissima obra, que conclue com o 8.º, o preço d'este volume é de 1\$000 reis brochado, 1\$280 reis meia encadernação e 1\$360 reis encadernação de carneira.

Pedidos a Antonio Dourado, Passeio da Graça, 41 a 43—Porto, e em todas as livrarias.

MEDITAÇÕES

E

PRATICAS DEVOTAS EM PREPARAÇÃO

PARA A FESTA DO

SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

PELO

Padre José M. Maufredini, J. S.

Traduzido do Italiano

Approvado pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Bispo do Porto

1 vol. broch. 400
1 vol. enc. 160

A' venda em todas as livrarias e no escriptorio do Editor sr. Antonio Dourado, Passeio da Graça, 43—Porto.

MEDITAÇÕES

PARA

O MEZ DE MAIO

PELO

Padre AFFONSO MUZZARELLI
da COMPANHIA DE JESUS

COM

Piedosos e lindos colloquios
com a SS. Virgem para todos os dias e tocantes
exemplos extrahidos das obras de
SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO
e de outros bons auctores

Com permissão do Em.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

QUARTA EDIÇÃO

Preço. cart. 160 reis
Broch. 100 reis

Catecismo para uso do povo

CONTRA O

PROTESTANTISMO

COMPOSTO PELO

CARDEAL CUESTA

Arcebispo de S. Thiago

Approvado e recommendado pelo Em.^{mo} Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

PREÇO

Cada exemplar	50
25	1\$000
50	1\$700
100	2\$800

As Tres Rosas dos Escolhidos

Tradução da 2.ª edição franceza

PELO

Ex.^{mo} Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

Approvada e recommendada

pelo Em.^{mo} Sr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto

e pelo Ex.^{mo} Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12, francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

OU

Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

POR

O Abbade J. BERTHIER, M. S.

Vertido da 4.ª edição franceza a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 reis.

O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

GRANDE PROMESSA

Communhão das nove primeiras sexta-feiras de mezes consecutivos. Preço de cada cento em cartão, 800; avulso 10 reis.

Forma de se ganhar com especialidade a singular Indulgencia da Porciuncula.

Um folheto broch., 50 reis.

O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMÃO

POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTO POR

Dr. Theologo Domingos de Souza
Moreira Freire

Com permissão do Em.^{mo} Sr. Cardeal
D. Americo, Bispo do Porto

2.ª EDIÇÃO

Augmentada com o Modo de ouvir
a Missa pelos Defunctos. Brochado 100; enc., 160 reis.

Preces que por ordem de Sua Santidade o Papa Leão XIII, devem ser recitadas de joelhos depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico. Cento, em portuguez, 800; em latim e portuguez, cada exemplar 50 reis.

LADAINHA

DO

Sagrado Coração de Jesus

Approvada para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII por decreto da S. C. dos Ritos, em 2 d'abril de 1899.

Cada cento. 600 reis
Avulsas 10

FORMA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Prescripta pelo SS. Padre Leão XIII na
Encyclica de 25 de Maio de 1899
Approvada pelo Ex.^{mo} Sr. Vigario Capitular
Coelho da Silva
Preço em cartão 10